

Amizades contemporâneas:
inconclusas modulações de nós

Danichi Hausen Mizoguchi



UNIVERSIDADE
FEDERAL DO RIO
GRANDE DO SUL

Reitor

Carlos Alexandre Netto

Vice-Reitor e Pró-Reitor
de Coordenação Acadêmica

Rui Vicente Oppermann

EDITORA DA UFRGS

Diretor

Alex Niche Teixeira

Conselho Editorial

Carlos Pérez Bergmann

Claudia Lima Marques

Jane Fraga Tutikian

José Vicente Tavares dos Santos

Marcelo Antonio Conterato

Maria Helena Weber

Maria Stephanou

Regina Zilberman

Temístocles Cezar

Valquiria Linck Bassani

Alex Niche Teixeira, presidente



COORDENADORA DA COLEÇÃO:

Tania Mara Galli Fonseca

CONSELHO EDITORIAL:

Andréa Vieira Zanella – (UFSC)

Cecília Bouças Coimbra – (UFF)

Denise Bernuzzi Sant’Anna – (PUC/SP)

Eugénia Vilela – (Universidade do Porto/PT)

José Mário d’Ávila Neves – (UFRGS)

José Nuno Gil – (Universidade Nova de Lisboa)

Jusamara Souza – (UFRGS)

Luis Gomes – (Editora Sulina/PUCRS)

Luiz B.L. Orlandi – (Unicamp)

Maria Elizabeth Barros – (UFES)

Marisa Lopes da Rocha – (UERJ)

Peter Pál Pelbart – (PUC/SP)

Sandra Mara Corazza – (UFRGS)

Suely Rolnik – (PUC/SP)

Amizades contemporâneas:
inconclusas modulações de nós

Danichi Hausen Mizoguchi



Editora Sulina

© Danichi Hausen Mizoguchi, 2016

Capa:

Carla Luzzatto

Coordenadora da Coleção:

Tania Mara Galli Fonseca

Projeto gráfico:

Carla Luzzatto

Editoração:

Niura Fernanda Souza

Revisão:

Simone Ceré

Revisão gráfica:

Miriam Gress

Editor: *Luis Antônio Paim Gomes*

Bibliotecária Responsável: Denise Mari de Andrade Souza CRB 10/960

M685a Mizoguchi, Danichi Hausen

Amizades contemporâneas: inconclusas modulações de nós / Danichi Hausen
Mizoguchi. -- Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2016.

231 p.; (Coleção Cartografias)

ISBN: 978-85-205-0749-0

ISBN: 978-85-386-0282-8

1. Psicologia social. 2. Psicologia – Teoria. 3. Amizade. 4. Capitalismo. I.
Título. II. Série.

CDD: 150

151

CDU: 159.9

316.6

Editora MERIDIONAL

Av. Osvaldo Aranha, 440 cj. 101 – Bom Fim

Cep: 90035-190 – Porto Alegre/RS

Fone: (0xx51) 3311.4082

www.editorasulina.com.br

e-mail: sulina@editorasulina.com.br

Editora da UFRGS

Ramiro Barcelos, 2500

Santa Cecília – Porto Alegre, RS

Cep: 90035-003

Fone/fax (51) 3308.5645

www.editora.ufrgs.br

www.livraria.ufrgs.br

Maio/2016

Agradecimentos

Talvez não se trate – por mais que assim se deva indicar – de agradecer: não há declaração de penhora ou sentimento de obrigação à retribuição. Sem mais explicações, mesmo se tratando de algo que transborda as palavras e não cabe em nomes próprios, ei-los, incabíveis e fundamentais pontos declarados de passagem às passagens de mundo que logo irão advir:

Alice De Marchi Pereira de Souza, Ivan Gilberto Borges Mizoguchi, Denise Costa Hausen, Mayume Hausen Mizoguchi, Iuri Hausen Mizoguchi, Lara Hausen Mizoguchi, Toshio Mizoguchi, Samir Arrage, Samanta Antoniazzi, Guillaume Pradere, Luis Antonio dos Santos Baptista, Mateus Cunda, Marília Jacoby, Manoel Madeira, Pablo Francischelli, Luana Pagin, Rodrigo Lages, Iacã Macerata, Tiago Régis, Vitor Régis, Alexei Indursky, Gabriel Lacerda de Resende, Lucas Alvares, Paula Goldmeier, Carina Levitan, Carlos Augusto Piccinini, Guilherme Petry, Alexandre Kumpinski, Luis Artur Costa, Maíra Freitas Barbosa, Augusto de Bragança, Pedro Engel, Liane Espírito Santo, Cora Soares Penther, Beatriz Adura, Lais Amado, Alessandro Gemino, Cecilia Coimbra, Tania Mara Galli Fonseca, Claudia Abbês, Marcelo Ferreira, Analice Palombini, Alice Costa Porto, Carolina De Marchi Pereira de Souza, Miriam De Marchi, Luiz Fernando Reginato, Fernando Lanzer Pereira de Souza, Jussara Pereira de Souza, Bárbara Conte, Aquiles Indurski, Giordanna Indursky.

Aos amigos e ao mundo,
um convite persistente e inominável.

O inferno dos vivos não é algo que será; se existe, é aquele que já está aqui, o inferno no qual vivemos todos os dias, que formamos estando juntos. Existem duas maneiras de não sofrer. A primeira é fácil para a maioria das pessoas: aceitar o inferno e tornar-se parte deste até o ponto de deixar de percebê-lo. A segunda é arriscada e exige atenção e aprendizagem contínuas: tentar saber reconhecer quem e o que, no meio do inferno, não é inferno, e preservá-lo, e abrir espaço.

(Italo Calvino, *As cidades invisíveis*)

O que me surpreende é o fato de que, em nossa sociedade, a arte tenha se transformado em algo relacionado apenas a objetos e não a indivíduos ou à vida; que a arte seja algo especializado e ou feita por especialistas que são artistas. Entretanto, não poderia a vida de todos se transformar numa obra de arte?

(Michel Foucault, *Sobre a genealogia da ética*)

Sumário

Prefácio	11
<i>Luis Antonio Baptista</i>	
Crisol	15
Um estrangeiro	33
Inconclusas modulações de nós	67
Detrás da janela	215
Referências	221
Coleção Cartografias	230

Sob a cúpula de um céu cinzento, numa grande planície sem nenhuma matéria viva, o poeta francês encontrou vários homens que marchavam curvados; carregavam o peso das suas enormes quimeras. Não sabiam para onde iam, impelidos por uma desconhecida necessidade de caminhar. Segundo o poeta, “marchavam com a aparência resignada dos que são condenados a esperar eternamente”. Para Charles Baudelaire, a sufocante quimera presa às costas destes homens era um enorme animal que oprimia os músculos destas criaturas condenadas a não saberem onde estão, ou para onde irão. Os homens curvados pareciam resignados com a fera que pendia em seus pescoços, como se ela fizesse parte integrante deles mesmos.

Neste livro sobre a amizade no contemporâneo, o peso das quimeras é dissipado pela força das imagens e das palavras. É uma escrita elaborada por um corpo ereto, curioso, atento ao que as cidades têm a dizer ou silenciar sobre as tramas da amizade. Homens curvados por quimeras sob um céu cinzento condenados a esperar, atordoados pelos sonhos e fracassos do capitalismo dos oitocentos, não seriam personagens do cenário exclusivo da Paris de Baudelaire. Ideias, sonhos, projetos, utopias desatentas ao cortante mundo da imanência prenunciam o risco de legar à atualidade o peso de um amargo diagnóstico. Uma escrita acadêmica desprovida de coragem seria o efeito desta amargura. Nas páginas desta obra não encontramos o otimismo dos empresários da felicidade à venda no mercado, ou o pessimismo dos intelectuais que ignoram o que extrapola os limites das suas angústias. Inexistem otimismo ou pessimismos que façam curvar um corpo sob um céu

cinzento. Este livro escrito por um corpo sujo de mundo, atento ao que contagia e atravessa a sua pele, recusa ao leitor o conforto de uma mensagem edificante sobre a arte da amizade.

A cidade, ou a amizade, na escrita de Danichi Mizoguchi são artefatos criados em solos de modulações díspares, que desconhecem as planícies desabitadas. São artefatos compostos por detritos variados catados nas ruas do Rio de Janeiro por um pesquisador sensível aos detritos, aos restos. O corpo ereto do texto é insuflado por perigos da atualidade, e pela atenção ao que acontece ao redor, e ao que poderá acontecer quando o olhar do pesquisador recusa o fardo das suas exclusivas quimeras. Belezas anônimas, potências laicas conspiradas nas esquinas também impedem os músculos de curvarem-se. Diário sem eu, relato de uma viagem não confessional atenta ao que não é espelho, às imagens urbanas que desacomodam o olhar, compõem este livro. Atenção incômoda a quem pesquisa, desconfortável, por propiciar o inesgotável desenho das formas de um corpo feito através dos espantos, riscos, por afetos no pesquisar. Formas produzidas por modulações de nós, por encontros e desencontros que desenham as bordas do corpo, sempre provisório, através de singulares intensidades. O autor narra uma viagem sem origem ou fim como proposta ética. O Rio de Janeiro, fonte da pesquisa, é irreconhecível para o turista que traduz a cidade em natureza morta estampada no cartão-postal. A cidade nesta obra é uma radical alteridade.

Ser estrangeiro no Rio de Janeiro é a aposta metodológica deste livro. Aposta arriscada, quando o exílio e o estranhamento propiciado pela viagem ganham o sentido de virtude. Da tradição cristã herdamos este risco na reedição da premissa formulada pelo teólogo agostiniano Hugo de São Vitor: “Delicado é aquele para quem a pátria é doce. Bravo, aquele para quem a pátria é tudo. Mas perfeito é aquele para quem o mundo inteiro é exílio”. Triste herança, na medida em que o único posto onde encontraremos a verdade, ou a paz, seria a Cidade de Deus. O mundo como exílio, lugar da ascese cristã, não colocará em perigo as margens do corpo ou do mapa do viajante. Suspeitar o que os olhos percebem, manter o êxodo interminável, desconfiar sempre das

sensações como arma de defesa, esperar a pátria eterna que virá, são metas de uma viagem na qual o leme, ou a bússola, do viajante nunca serão postos à prova. Nomadismo doce, como afirma o teólogo, que manterá incólume o limite das bordas da alma do eterno estrangeiro. Ascese que faz curvar o corpo, ou olhar para o céu, na espera do paraíso, estimulando a suspeita daquilo que ultrapasse as sombras do eu de um angustiado nômade. O pouso em um lugar desconhecido não lhe trará nenhum atordoamento, pois a pátria é tudo. Exílio de uma danação. Estranhamento arrogante. Nesta ascese temos a viagem da errância à procura da verdade, dos irmãos de uma única pátria destituída de qualquer modulação de nós. Nomadismo do coletivo fraterno, em que a intensidade do díspar será sempre expurgada. A amizade neste livro recusa a violência contida no coletivo dos iguais.

Em que amizade apostar neste mundo ainda em guerra, ruína e construção? Esta questão formulada pelo autor é tecida por vários fios neste belo livro. O leitor não encontrará o bálsamo de uma conclusiva resposta. Encontrará a narração de um corpo impessoal produzido por uma transtornante experiência urbana. Transtorno generoso que dissipa as sólidas paredes dos pronomes pessoais. Impessoalidade de um estrangeiro que recusa a finitude de um rosto, o fim de uma viagem, mas afirma o infinito de um corpo como aposta ética.

Luis Antonio Baptista
Professor Titular do Departamento de Psicologia
da Universidade Federal Fluminense.